

Paranoá pode virar pântano, diz Caesb

"Se o Lago Paranoá não for tratado, ele poderá ser transformado num enorme pântano, como já aconteceu em sua extremidade sul", alertou o superintendente da Caesb, João Carlos Siqueira Filho. A recuperação do lago Paranoá depende do tratamento do esgoto, responsável por 80% de sua poluição e da ocupação controlada do solo da bacia do Paranoá. Para isso, a Caesb iniciou a implantação de um projeto piloto - único das Américas - de tratamento de lagos tropicais com a instalação de duas novas estações. O Governo do Distrito Federal tenta equacionar a melhor utilização do solo, cuja preferência recai pela eliminação da cultura de hortigranjeiros e o incentivo a fruticultura e pecuária de corte e leite.

Segundo o superintendente da Caesb, o lago Paranoá será um eterno problema, pois está situado na parte mais baixa da cidade, recebendo todos os detritos da bacia. Mesmo assim, João Carlos acredita que a construção das duas estações de tratamento, num prazo de três anos, diminuirá o problema.

São deslocados para o Lago esgotos em matéria bruta, como os detritos do Núcleo Bandeirante e esgotos tratados incorretamente, como os do Plano Piloto, Guará I e II e Setor de Indústria. Eles são os maiores responsáveis pelo surgimento de fósforo e nitrato, produtos químicos altamente poluentes.

A instalação das novas estações fará com que o próprio material orgânico da água elimine os poluentes. Esse método foi utilizado apenas na África do Sul.

POLUIÇÃO

Todo o Lago está poluído e as áreas mais críticas são as suas duas extremidades, onde estão as atuais estações de tratamento. As águas localizadas entre as duas pontes do Lago Sul registram também um alto índice de poluição.

A poluição do Paranoá começou desde sua construção, quando a mata coberta pelas

águas aumentou o volume de matéria orgânica. De lá para cá, a ocupação indevida da bacia e o tratamento de esgoto impróprio para os lagos tropicais aceleraram o processo.

Uma solução do problema começou a ser estudada em 1974. No entanto, o projeto só pôde começar a ser implantado este ano devido à falta de recursos. Somente quando o GDF liberou 60% dos custos do programa a fundo perdido, a Caesb abriu licitação para a construção das estações.

O projeto custa hoje Cr\$ 27 bilhões. Desse total, 40 % será financiado pelo BNH e Banco Mundial. Juntamente com as obras, a terem início no próximo ano, a Caesb implantará a rede de esgotos nas Penínsulas Norte e Sul.

"A Caesb é a usuária e a maior causadora de problemas para o Lago", afirmou João Carlos. Por isso, depois da conclusão desta obra, ela deverá continuar o projeto de defesa, com reflorestamento das nascentes dos rios e a eliminação das redes de esgoto clandestinas.

CHEIRO

Em 1978, os moradores do Plano Piloto sentiram um dos efeitos da poluição do Lago: um enorme mau-cheiro assolou a cidade, causado pelo excesso de fósforo e nitrato nas águas. Naquela época, o GDF tomou uma medida paliativa, retirando toneladas de águas-pés, mortas pela falta de oxigênio.

"Aquele mau-cheiro foi causado por excesso de algas mortas numa ínfima parte do lago", explicou João Carlos. Por isso, no seu entender, a filosofia básica de meio ambiente deve ser a sua preservação, pois "a correção custa muito caro".

Segundo o superintendente da Caesb, a Bacia do Paranoá só pode ser ocupada por 720 mil pessoas. E por isso que o GDF planejou, há alguns anos, o crescimento do Distrito Federal para a direção de Taguatinga e Ceilândia, região de outra bacia hidrográfica.